

O chamado do monstro





O CHAMADO DO MONSTRO

Um livro de PATRICK NESS

Baseado em uma ideia original de SIOBHAN DOWD

Ilustrações de JIM KAY

Tradução de ANTÔNIO XERXENESKY



ea
editora ática

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são resultado da imaginação do autor ou, se reais, usados ficcionalmente.

Título original: *A monster calls*

Título da edição brasileira: *O chamado do monstro*

Text © 2011 Patrick Ness

From an original idea by Siobhan Dowd

Illustrations © 2011 Jim Kay

Published by arrangement with Walker Books Limited, London SE11 5HJ.

All rights reserved. No part of this book may be reproduced, transmitted, broadcast or stored in an information retrieval system in any form or by any means, graphic, electronic or mechanical, including photocopying, taping and recording, without prior written permission from the publisher.

Conforme a nova ortografia da língua portuguesa

Gerente editorial Claudia Morales

Editor Fabricio Waltrick

Editora assistente Malu Rangel

Diagramadora Thatiana Kalas

Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

Revisora Cláudia Cantarin

Coordenadora de arte Soraia Pauli Scarpa

Editoração eletrônica Ludo Design

Tratamento de imagem Cesar Wolf e Fernanda Crevin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N378

Ness, Patrick, 1971-

O chamado do monstro / Patrick Ness ; ilustração Jim Kay ; tradução Antônio Xerxenesky. - 1. ed. - São Paulo : Ática, 2011.

216p. : il. ; - (Série Z)

Tradução de: A monster calls

ISBN 978-85-08-14731-1

1. Ficção inglesa. I. Kay, Jim. II. Xerxenesky, Antônio, 1984- III. Título. IV. Série.

11-3281.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

ISBN 978 85 08 14731-1 (aluno)
ISBN 978 85 08 14732-8 (professor)

Código da obra CL 737858

2011

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2011
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 — CEP 02909-900 — São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 0800-115152 — Fax: (11) 3990-1776
www.atica.com.br / www.atica.com.br/educacional
atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



NOTA DOS AUTORES

Nunca cheguei a conhecer Siobhan Dowd*. Meu único contato com ela foi por meio de seus maravilhosos livros. Quatro romances eletrizantes, dois publicados em vida, dois após a sua morte, que veio cedo demais.

Este teria sido o quinto livro dela. Siobhan criou os personagens, uma premissa e um começo. Mas não teve, infelizmente, tempo de ir em frente.

Quando fui convidado a transformar o trabalho dela em um livro, hesitei. O que eu não queria fazer — o que eu não *conseguiria* fazer — era escrever um romance imitando o estilo dela. Seria um desserviço a Siobhan, ao leitor, e, mais importante ainda, à história. Na minha opinião, um bom livro não se faz assim.

Mas isto é o bacana das boas ideias: elas sempre geram outras. Quando me dei conta, as criações de Siobhan já estavam me

* Siobhan Dowd nasceu em Londres, em 1960. Fez suas primeiras experimentações literárias em 2004 e logo foi apontada como uma talentosa escritora. Morreu precocemente, vítima de câncer, em 2007. Publicou quatro livros: *A swift pure cry* (2007) [traduzido no Brasil como *A carne dos anjos*, Agir, 2008]; *The London eye mystery* (2007); *Bog child* (2008) e *Solace of the road* (2009).

inspirando. Comecei então a sentir aquela comichão que todo escritor busca: a de colocar as palavras no papel, a de contar uma história.

Eu senti — e sinto — como se tivessem me passado o bastão, como se uma escritora especialmente talentosa tivesse me dado a história dela e falado: “Vá. Assuma o comando. Faça barulho”. Foi o que tentei fazer. Durante o percurso, tinha apenas uma única preocupação: escrever um livro que, em minha opinião, Siobhan gostasse. Nenhum outro critério importava.

Chegou a hora de passar o bastão para você. As histórias não terminam com os escritores, ainda que eles tenham aberto o caminho. Aqui está o que Siobhan e eu criamos. Então vá. Assuma o comando.

Faça barulho.

Patrick Ness

Londres, fevereiro de 2011

PARA SIOBHAN

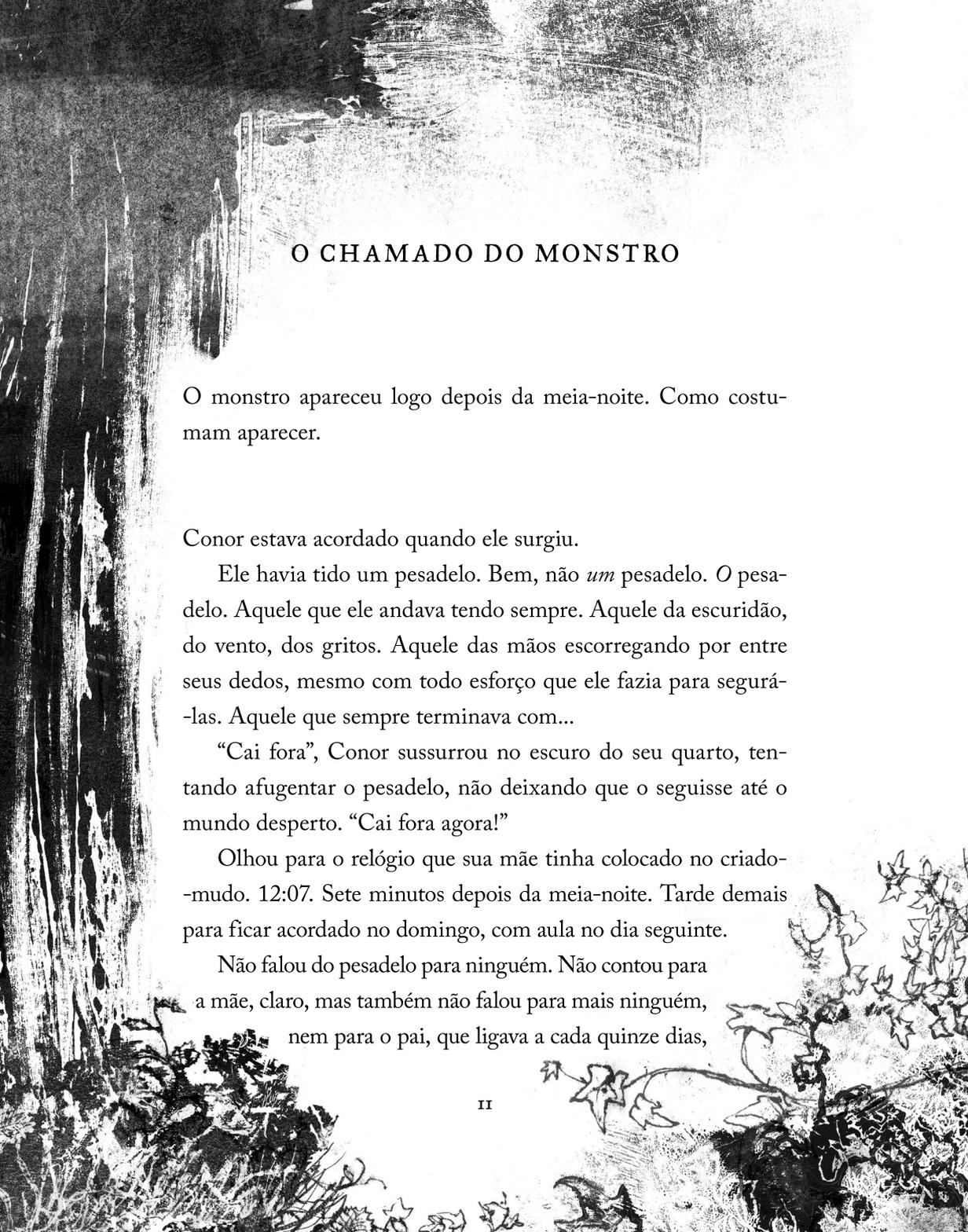




Só se é jovem uma vez, costumam dizer, mas a juventude não dura um bom tempo? Mais anos do que se pode aguentar.

Hilary Mantel, *Um experimento amoroso*





O CHAMADO DO MONSTRO

O monstro apareceu logo depois da meia-noite. Como costumam aparecer.

Conor estava acordado quando ele surgiu.

Ele havia tido um pesadelo. Bem, não *um* pesadelo. O pesadelo. Aquele que ele andava tendo sempre. Aquele da escuridão, do vento, dos gritos. Aquele das mãos escorregando por entre seus dedos, mesmo com todo esforço que ele fazia para segurá-las. Aquele que sempre terminava com...

“Cai fora”, Conor sussurrou no escuro do seu quarto, tentando afugentar o pesadelo, não deixando que o seguisse até o mundo desperto. “Cai fora agora!”

Olhou para o relógio que sua mãe tinha colocado no criado-mudo. 12:07. Sete minutos depois da meia-noite. Tarde demais para ficar acordado no domingo, com aula no dia seguinte.

Não falou do pesadelo para ninguém. Não contou para a mãe, claro, mas também não falou para mais ninguém, nem para o pai, que ligava a cada quinze dias,

mais ou menos, e *obviamente* nem para a avó, nem para ninguém na escola. De jeito nenhum.

O que acontecia no pesadelo era algo que ninguém precisava ficar sabendo.

Conor piscou, sonolento, e franziu os olhos. Algo não se encaixava. Sentou na cama, um pouco mais acordado. O pesadelo se apagava, mas havia algo de estranho que ele não conseguia tocar, algo diferente, algo...

Aguçou os ouvidos, tentando captar alguma coisa além do silêncio, mas tudo que pôde escutar foi a casa em sua completa quietude, um estalido ocasional que vinha do vazio lá de baixo, o farfalhar dos lençóis no quarto da mãe, ao lado.

Nada.

E, de repente, algo. Algo que logo ele percebeu que foi o que o acordou.

Alguém o chamava.

Conor.

Por um segundo, ele sentiu uma onda de pânico, seu estômago embrulhando. Teria sido seguido? Será que aquilo tinha conseguido escapar do pesadelo e...?

“Não seja idiota”, disse para si mesmo.

“Você está bem crescido para acreditar em monstros.”

E estava mesmo. Tinha feito treze anos mês passado. Monstros eram coisa de bebezinhos. Monstros eram coisa de quem molhava a cama. Monstros eram...

Conor.

De novo. Conor engoliu em seco. Estava quente para outubro e sua janela tinha ficado aberta. Talvez as cortinas agitadas pela brisa tenham causado o ruído de...

Conor.

Tá certo, não era o vento. Era com certeza uma voz, mas não uma voz conhecida. Não era de sua mãe, de jeito nenhum. Não era uma voz feminina, e ele se perguntou por um instante se o pai não teria vindo, de surpresa, dos Estados Unidos e chegado muito tarde para telefonar e...

Conor.

Não. Não era seu pai. A voz tinha uma sonoridade única, um timbre *monstruoso*, selvagem, indomado.

E então, escutou um forte estrondo do lado de fora, como se alguma coisa gigantesca estivesse caminhando sobre um piso de madeira.

Ele não queria ir ver o que era. Mas, ao mesmo tempo, uma parte dele queria, mais do que qualquer outra coisa, ver o que era.

Completamente acordado, afastou as cobertas, saiu da cama e foi até a janela. Na meia-luz pálida do luar, pôde enxergar claramente a torre da igreja no alto do morro atrás da sua casa, o morro junto aos trilhos de trem, duas linhas de aço

que reluziam estáticas na noite. A lua iluminava o cemitério ao lado da igreja, repleto de túmulos com inscrições já quase ilegíveis.

Conor também conseguia ver o teixo que ficava no centro do cemitério, uma árvore tão antiga que parecia feita das mesmas pedras da igreja. Ele só sabia que se tratava de um teixo porque sua mãe lhe ensinara isso quando ele era criança, dizendo que não dava para comer as frutinhas que cresciam nele, pois eram venenosas. Ela o lembrou do nome da árvore ano passado, quando ficou olhando pela janela da cozinha de um jeito esquisito e comentou: “Aquilo é um teixo, sabia?”.

Então ele escutou seu nome outra vez.

Conor.

Como se estivessem sussurrando nos seus dois ouvidos.

“O que foi?”, Conor perguntou, com o coração galopando, impaciente para descobrir o que aconteceria.

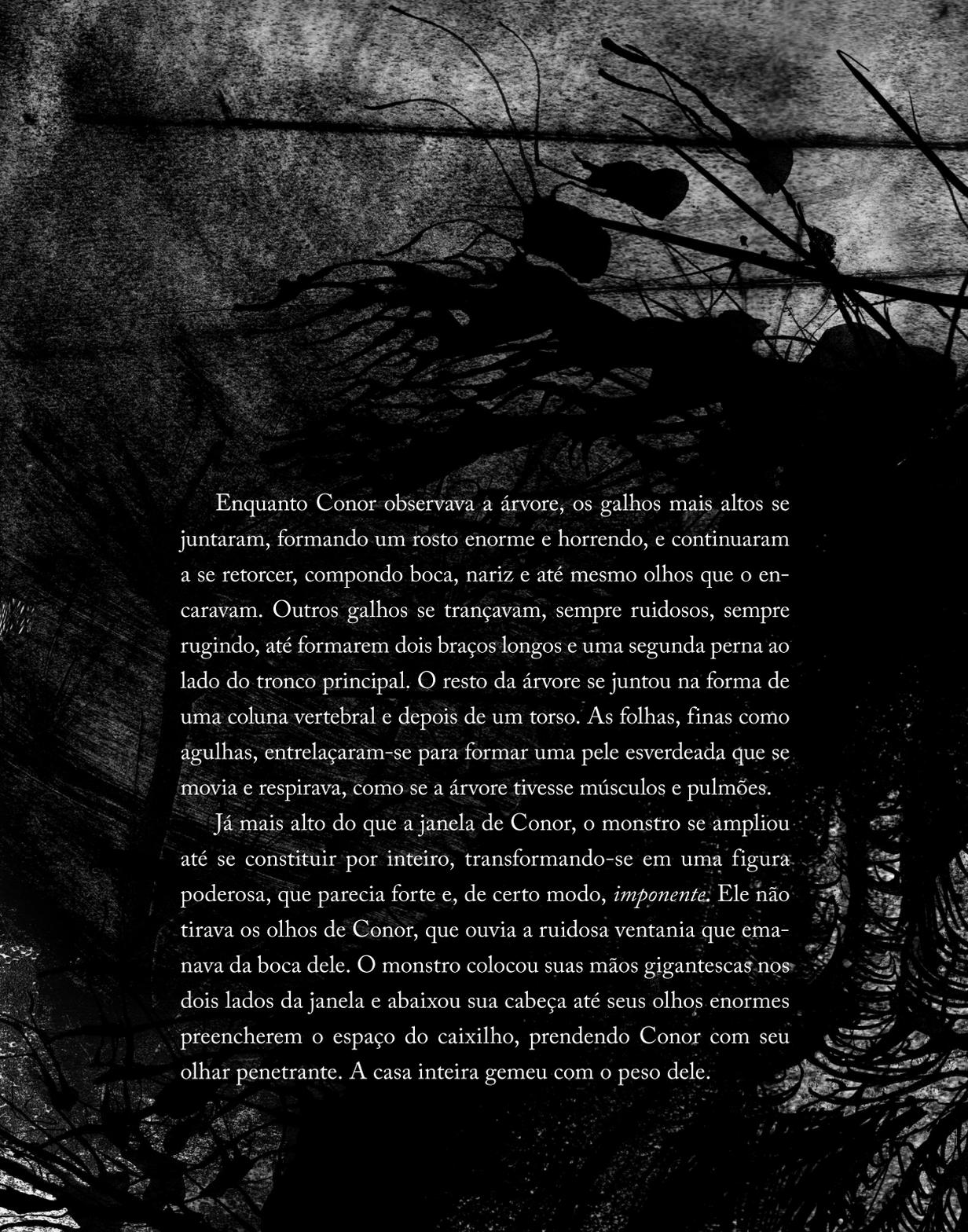
Uma nuvem passou em frente à lua, cobrindo toda a paisagem, e uma rajada de vento desceu pelo morro e chegou até seu quarto, levantando as cortinas. Ele escutou de novo estrondos de madeira partida, rugindo como um ser vivo, como se o estômago do mundo estivesse rosnando por comida.

A nuvem foi embora e a lua voltou a brilhar.

Iluminou o teixo.

Que agora estava parado no meio do seu quintal.

E ali estava o monstro.

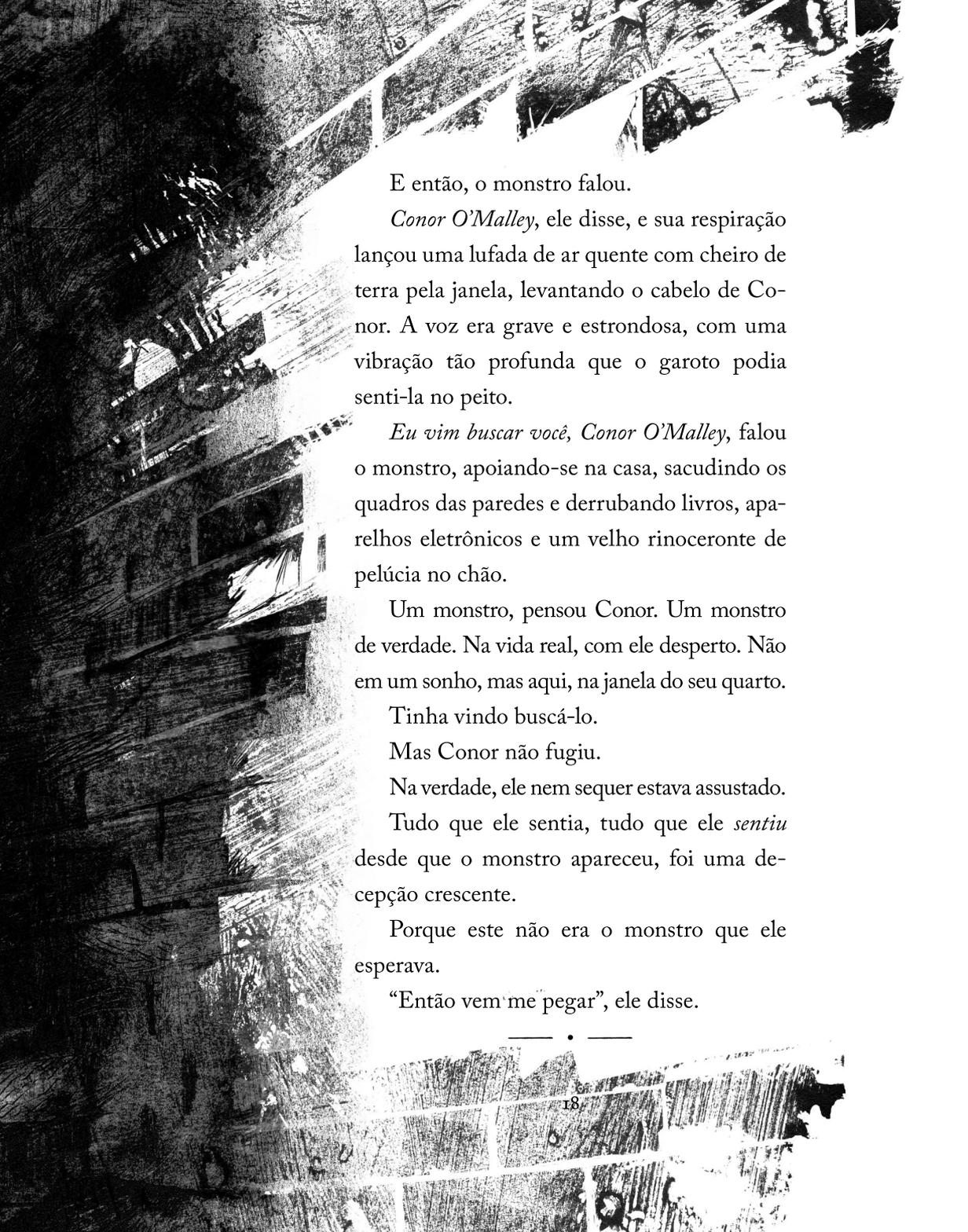


Enquanto Conor observava a árvore, os galhos mais altos se juntaram, formando um rosto enorme e horrendo, e continuaram a se retorcer, compondo boca, nariz e até mesmo olhos que o encaravam. Outros galhos se trançavam, sempre ruidosos, sempre rugindo, até formarem dois braços longos e uma segunda perna ao lado do tronco principal. O resto da árvore se juntou na forma de uma coluna vertebral e depois de um torso. As folhas, finas como agulhas, entrelaçaram-se para formar uma pele esverdeada que se movia e respirava, como se a árvore tivesse músculos e pulmões.

Já mais alto do que a janela de Conor, o monstro se ampliou até se constituir por inteiro, transformando-se em uma figura poderosa, que parecia forte e, de certo modo, *imponente*. Ele não tirava os olhos de Conor, que ouvia a ruidosa ventania que emanava da boca dele. O monstro colocou suas mãos gigantescas nos dois lados da janela e abaixou sua cabeça até seus olhos enormes preencherem o espaço do caixilho, prendendo Conor com seu olhar penetrante. A casa inteira gemeu com o peso dele.







E então, o monstro falou.

Conor O'Malley, ele disse, e sua respiração lançou uma lufada de ar quente com cheiro de terra pela janela, levantando o cabelo de Connor. A voz era grave e estrondosa, com uma vibração tão profunda que o garoto podia senti-la no peito.

Eu vim buscar você, *Conor O'Malley*, falou o monstro, apoiando-se na casa, sacudindo os quadros das paredes e derrubando livros, aparelhos eletrônicos e um velho rinoceronte de pelúcia no chão.

Um monstro, pensou Connor. Um monstro de verdade. Na vida real, com ele desperto. Não em um sonho, mas aqui, na janela do seu quarto.

Tinha vindo buscá-lo.

Mas Connor não fugiu.

Na verdade, ele nem sequer estava assustado.

Tudo que ele sentia, tudo que ele *sentiu* desde que o monstro apareceu, foi uma decepção crescente.

Porque este não era o monstro que ele esperava.

“Então vem me pegar”, ele disse.

Um estranho silêncio se abateu.

O que foi que você disse?, perguntou o monstro.

Conor cruzou os braços. “Eu disse: então vem me pegar.”

O monstro parou por um momento e, em seguida, com um *rugido*, bateu com os dois punhos na casa. O teto tremeu com o impacto e rachaduras enormes surgiram nas paredes. Uma ventania percorreu o quarto trovejando com seus urros.

“Grite o quanto quiser”, Conor deu de ombros, mal elevando a voz. “Já vi coisa muito pior.”

A criatura urrou ainda mais forte e deu um soco na janela de Conor, rompendo vidro, madeira e tijolo. Um galho gigantesco e retorcido da mão do monstro agarrou o garoto pela cintura e o levantou do chão. Ele foi puxado para fora do quarto e ficou pendurado no ar, bem acima do seu quintal. O monstro elevou Conor contra a silhueta da lua, segurando o garoto com tanta força que ele mal conseguia respirar. Na boca aberta do monstro, Conor pôde ver os dentes lanhados, de madeira rígida e nodosa. Sentiu o hálito quente em sua direção.

Então, o monstro parou outra vez.

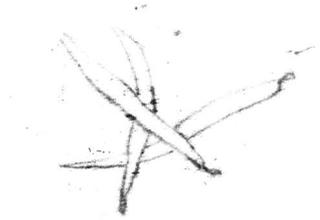
Você não está com medo, está?

“Não”, disse Conor. “Pelo menos não de você.”

O monstro franziu as sobrancelhas.

Você vai ficar, ele falou. *Antes do fim.*

E a última coisa de que Conor pôde se lembrar foi do monstro abrindo bem a boca para engoli-lo vivo.



CAFÉ DA MANHÃ

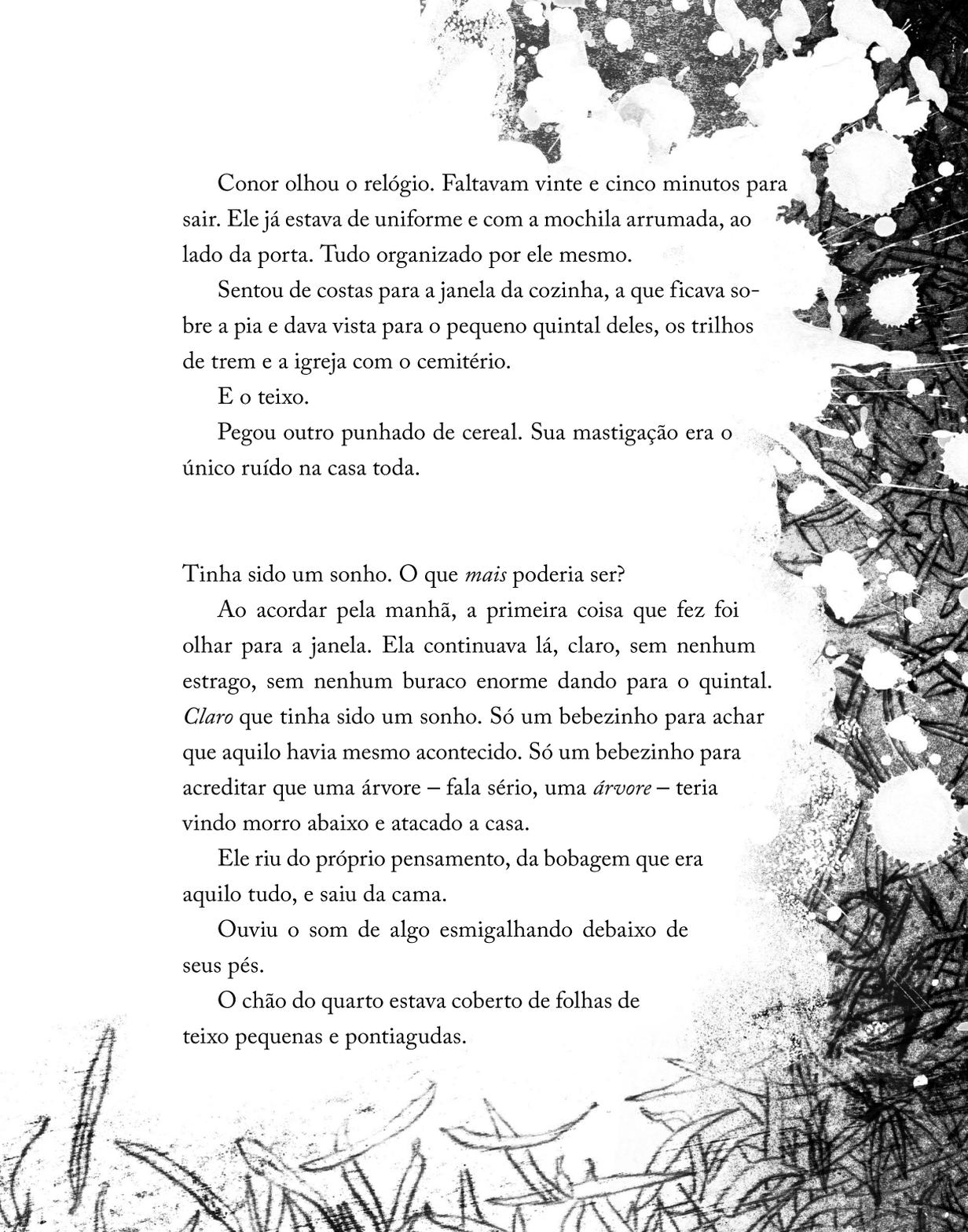
“Mãe?” Conor chamou, ao pôr os pés na cozinha. Sabia que ela não estaria lá – não escutou o ruído da chaleira fervendo, a primeira coisa que ela providenciava de manhã – mas ultimamente estava acostumado a chamá-la sempre que entrava em algum lugar da casa. Não queria assustá-la, caso ela tivesse adormecido sem querer em um canto qualquer.

Mas não tinha ninguém na cozinha. Isso significava que ela ainda estava na cama. Isso significava que Conor teria que preparar o café da manhã, o que ele já estava mais do que habituado a fazer. Tudo bem. *Ótimo*, para falar a verdade, ainda mais *naquela* manhã.

Ele caminhou apressado até a lixeira e socou fundo o saco plástico que carregava, cobrindo-o com outros restos de lixo para disfarçar.

“Pronto”, comentou consigo, e ficou ali respirando por um instante. Então acenou com a cabeça e ordenou a si mesmo: “Café da manhã.”

Pão na torradeira, cereal na tigela, suco no copo e pronto, era só sentar à pequena mesa da cozinha e comer. Sua mãe comia um pão e um cereal diferentes, que ela comprava em uma loja de comidas naturais na cidade e que Conor, ainda bem, não era obrigado a compartilhar. O gosto era tão triste quanto a aparência.

A black and white illustration of a forest floor. The scene is filled with various plants, including tall grasses, ferns, and several mushrooms of different shapes and sizes. The lighting creates a dappled effect, with bright spots and deep shadows, suggesting sunlight filtering through the trees. The overall style is detailed and textured, with fine lines and shading used to create depth and atmosphere.

Conor olhou o relógio. Faltavam vinte e cinco minutos para sair. Ele já estava de uniforme e com a mochila arrumada, ao lado da porta. Tudo organizado por ele mesmo.

Sentou de costas para a janela da cozinha, a que ficava sobre a pia e dava vista para o pequeno quintal deles, os trilhos de trem e a igreja com o cemitério.

E o teixo.

Pegou outro punhado de cereal. Sua mastigação era o único ruído na casa toda.

Tinha sido um sonho. O que *mais* poderia ser?

Ao acordar pela manhã, a primeira coisa que fez foi olhar para a janela. Ela continuava lá, claro, sem nenhum estrago, sem nenhum buraco enorme dando para o quintal. *Claro* que tinha sido um sonho. Só um bebezinho para achar que aquilo havia mesmo acontecido. Só um bebezinho para acreditar que uma árvore – fala sério, uma *árvore* – teria vindo morro abaixo e atacado a casa.

Ele riu do próprio pensamento, da bobagem que era aquilo tudo, e saiu da cama.

Ouviu o som de algo esmigalhando debaixo de seus pés.

O chão do quarto estava coberto de folhas de teixo pequenas e pontiagudas.